

Revista GALEGa
de filoloxía

monografía 13

Estudos sobre
gramática e
sociolingüística
galego-
-portuguesas

Xosé Manuel Sánchez Rei (editor)

Revista GALEGA
de filoloxía

monografía **13**

Xosé Manuel Sánchez Rei (editor)

Estudios sobre gramática e sociolingüística galego-portuguesas



Grupo de Investigación Lingüística
e Literaria Galega

Directores: Teresa López Fernández (Universidade da Coruña) e Xosé Manuel Sánchez Rei (Universidade da Coruña)

Secretario: Carlos-Caetano Biscainho-Fernandes (Universidade da Coruña)

Edita: Servizo de Publicacións da Universidade da Coruña

Depósito Legal: C 1601-2021

ISBN: 978-84-9749-819-7

Distribúe: Consorcio Editorial Galego: pedimentos@coegal.com

Deseño: Torné Asociados

Maquetación: Antonio Souto

Índice xeral

Introdución	
<i>Xosé Manuel Sánchez Rei</i>	7-16
Lingua de calidade: un concepto integrador para tender pontes e superar as diferenzas entre isolacionismo e reintegracionismo	
<i>Neal Baxter</i>	17-26
Actitudes e aptitudes en relación á lingua galega do profesorado novo do ensino secundario: contributos desde unha experiencia no mestrado profesionalizante (2013-2021)	
<i>Carlos-Caetano Biscainho-Fernandes</i>	27-48
Ainda os marcadores representativos em Português Europeu: <i>imagina, repara e olha</i>	
<i>Isabel Duarte</i>	49-65
Revertendo o proceso de substitución lingüística: a figura do suxeito neofalante na Galiza actual	
<i>María Fernández Zas</i>	67-85
Entre a fonética e a sintaxe: crase, combinación de unidades lingüísticas e segmentación copulativa nas secuencias rimáticas das cantigas	
<i>Manuel Ferreiro</i>	87-105
A obra de Xosé Ramón Freixeiro Mato: unha sede nacional para a lingua galega	
<i>María Pilar García Negro</i>	107-115
Traduçon de calidade e galego de calidade: a propósito do tratamento tradutivo das denominacións vernáculas de organismos na prosa ficcional	
<i>Carlos Garrido</i>	117-139
A lingua galega en Internet após dúas décadas	
<i>Xavier Guinovart</i>	141-156
O sufixo <i>-az</i> no galego-portugués medieval	
<i>Xoán Luís López Viñas</i>	157-178
Análise sociolingüística e traditolóxica das versións do inglés realizadas pola irmandiña María Luz Morales	
<i>María Jesús Lorenzo-Modia</i>	179-190
Antonio Benito Fandiño e o <i>Entremesño do Antroido pr'os rapaces</i> (1813)	
<i>Ramón Mariño Paz / Damián Suárez Vázquez</i>	191-204
Contextos de uso do marcador discursivo <i>pronto</i> e <i>ethos</i> discursivo	
<i>María Aldina Marques</i>	205-219

Partículas vocativas de orixe nominal no galego, portugués e romeno <i>Aurélia Merlan</i>	221-241
O humor gráfico como estratexia social fronte ás ideoloxías lingüísticas hexemónicas. Unha nota sobre a historia sociolingüística do galego <i>Estefanía Mosquera Castro</i>	243-258
Da norma, da norma lingüística e do portugués do Brasil <i>Sandra Pérez López</i>	259-273
O léxico do Romanceiro fronte ao léxico da Lírica Cortês: converxencias e diverxencias <i>Natália Pires</i>	275-292
Escrita e oralidade pola análise de espectrogramas: fenómenos fonéticos individuais, comunitarios e xerais <i>Helena Rebelo</i>	293-314
A concorrência <i>ponta, ponto</i> vs. <i>punta, punto</i> , e similares. Breve aproximación <i>José Luís Rodríguez</i>	315-331
Da subalternidade da lingua galega no período autonómico <i>Roberto Samartim</i>	333-350
Alguns aspectos da sintaxe dialectal portuguesa dos inicios do século XX e a súa correspondencia co galego <i>Xosé Manuel Sánchez Rei</i>	351-368
Fontes de una herança histórico-cultural portuguesa: os registos foraleiros manuelinos <i>Olinda Santana</i>	369-388
A emoción na linguagem verbal: das interjeições ao calão na Fala Bracarense <i>José Teixeira</i>	389-409

Para Xosé Ramón Freixeiro Mato,
amante dos *liricos acentos* da nosa lingua
e excelente coñecedor das *cativantes falas* en que ela se manifesta

Partículas vocativas de origem nominal no galego, português e romeno

Aurélia Merlan

Ludwig-Maximilians-Universität München

Resumo:

O galego, o português e o romeno figuram entre as poucas línguas românicas que possuem partículas vocativas (PV) primárias de origem nominal: gal. *ho* < *home* ‘homem’, *né* < *nena* ‘moça’, pg. *pá* < *rapaz*, rom. *băi* < *băiat* ‘rapaz’ e *fa* < *fată* ‘moça’. Estas PV são próprias da linguagem popular e familiar. A sua análise semântica, pragmática e sintática mostra que: a) as PV procedentes de substantivos femininos podem ser dirigidas só a mulheres, enquanto as com origem em substantivos masculinos podem ser dirigidas a pessoas de ambos os sexos; b) o uso de *ho* não é condicionado pelo tipo de relação, simétrica ou assimétrica, entre os interlocutores, enquanto as outras PV são utilizadas nas relações simétricas e, nas relações assimétricas, (quase) exclusivamente do “superior” para o “inferior”; c) as PV das duas línguas ibero-românicas – ao contrário das PV do romeno – não têm autonomia sintática, não podem preceder um vocativo, nem ocupar (com poucas exceções) a posição inicial no enunciado.

Palavras-chave:

Partículas vocativas; linguagem popular e familiar; galego; português; romeno.

Vocative particles of nominal origin in Galician, Portuguese and Romanian

Abstract:

Galician, Portuguese and Romanian are among the few Romance languages that possess primary vocative particles (PV) of nominal origin: gal. ho < home ‘man’, né < nena ‘girl’, pg. pá < rapaz ‘boy’, rom. băi < băiat ‘boy’ and fa < fată ‘girl’. These PVs are specific to familiar and popular language. Their semantic, pragmatic and syntactic analysis highlights the fact that: a) the PV from feminine nouns can be addressed only to women, while those with origin in masculine nouns can be addressed to people of both sexes; b) the use of ho is not conditioned by the type of relationship between the interlocutors, while the other PV are used for symmetrical relationships, and, for asymmetric relationships, (almost) only from “superior” to “inferior”; c) the PV from the two Ibero-Romance languages - unlike the PV from Romanian - have no syntactic autonomy, cannot precede a vocative and cannot occupy (with few exceptions) the initial position in a sentence.

Key words:

Vocative particles; familiar and popular language; Galician; Portuguese; Romanian.

1. Introdução

A uma breve análise do inventário das partículas vocativas com o sema [+ humano] na România “Antiga” (doravante PV), chamam a atenção algumas concordâncias surpreendentes entre o galego, o português e o romeno, a saber:

- a) são línguas ricas em PV, tanto primárias como secundárias, mais ricas por exemplo que o espanhol, o francês ou o italiano;
- b) possuem –ao lado de PV primárias de origem latim e onomatopaica– também PV primárias provenientes de palavras autosemânticas;
- c) estas PV resultaram –atrás de um processo de gramaticalização– exclusivamente de substantivos;
- d) o processo de gramaticalização constou de dessemantização dos respetivos substantivos associada com a redução do seu corpo fonético.

No presente artigo pretendo analisar as PV primárias de origem nominal no galego, português e romeno, com o fim de determinar as concordâncias e as divergências no que diz respeito ao seu inventário, à sua proveniência exata e aos seus traços semânticos, pragmáticos e sintáticos¹.

A análise baseia-se em corpus de língua falada, em (corpus de) textos escritos e antologias.

2. Breve caracterização das PV primárias

As PV primárias com o sema [+humano]² apresentam as seguintes características:

- a) podem acompanhar e/ou substituir vocativos, isto é nomes em função vocativa;
- b) quando acompanham um vocativo (por exemplo, as PV gal. *ai*, pg. *ó*, rom. *măi*), funcionam como marca suplementar deste, ao lado da entoação e – nas línguas “vocativas” como o romeno – de sufixos específicos;
- c) compartilham com os vocativos vários traços pragmáticos, sintáticos e prosódicos:
 - têm função conativa, isto é servem –enquanto *call particles*– para estabelecer contato com uma pessoa, para a chamar, para lhe atrair a

1 Para a análise das PV de origem nominal também no asturiano ver Merlan (2021).

2 Cada das línguas em foco possui também PV com o sema [-humano], usadas para chamar animais ou pássaros, como o são gal., pg. *mis-mis* e rom. *pis-pis* para os gatos ou rom. *pui-pui* para as galinhas.

atenção ou –enquanto *address particles*– para manter o contacto ou reforçá-lo;

–têm frequentemente também uma função expressiva, indicando, segundo a entoação, vários sentimentos e estados psíquicos do locutor: afeição, compaixão, alegria, espanto, desacordo, indignação, ironia, etc.;

–não estão integradas sintaticamente na oração;

–não têm uma posição fixa no enunciado;

–acompanham frequentemente orações imperativas e exclamativas;

–são pronunciadas com entoação enfática e isoladas por pausa do resto do enunciado;

- d) as palavras que funcionam como PV primárias não têm –ao contrário das PV secundárias (como gal. *home, meu, oi*, pg. *homem, meu, olha*, rom. *frate, vere, nene* ‘homem!’)– em nenhum contexto conteúdo lexical (em sentido estreito), sendo circunscritas ao âmbito pragmático-textual (Sánchez Rei, 2016: 121), e apresentam imobilidade morfosintática;
- e) do ponto de vista fonético, são em geral monosilábicas (algumas mesmo monofonemáticas) e podem constar de combinações e distribuições de consoantes não habituais nas respetivas línguas.

3. O inventário das PV de origem nominal do galego, português e romeno

AS PV primárias de origem nominal nas três línguas da România Lateral são as seguintes:

- a) em galego: *ho* [ɔ], com a variante *hom* [om], e *né* [ne] (ver Álvarez & Regueira & Monteagudo, 1986: 469-475; Álvarez & Xove, 2002: 667-671; Freixeiro Mato, 2006: 66-67; Sánchez Rei, 2016: 110-114):

(1) È entonces, cando saliron da ighresia, díxolle un compadre del:

–Vente, hòme, vente, vente. Vente.

El saleu no medio da máis xente, todo tranquilo. Dixo:

–¿Pèro que quères, *hò*? (NF, 54)

(2) Todas as mañáns, denantes de mencer, xa estaban os dous vellos despertos. Ouvia-se, na escuridade, o alentar dun paxariño.

–E logo, como lle chamamos?

–O “atopadiño”.

–Non, *hom*, que hai que lle poñer un nome para bautizar (LXX, 136)

(3) E ela díxome:

–Óiches, contáronme que [...] se separou da muller hai xa tempo.

E eu lle dixen:

–Ai, *né*, ti que dis?

E ela volvíaa, díxome que llo contarán..., hai xa.... había tempo xa (apud Sánchez Rei, 2016: 112)

b) em português: *pá* [pa], com uma variante abreviada que pode ser transcrita *p* (ver Marques, 1993: 270, apud Moreira, 2013: 63; Gärtner, 1998: 688; Brauer-Figueiredo, 1999: 82-83, 85, 373, 376-377; Carvalho, 2013):

(4) Certa altura vem uma onda, era um dia de, de chuva e ele apanhou um banho terrível, ficou todo molhado e não conseguia sair de lá de cima, não é. Começa a dizer: «Ó NP, vem cá baixo, vem-me buscar, vem-me ajudar, *pá*, eu não posso sair, *pá*.» (CPF, entrevista 0106)

c) em romeno: *băi* [bəj], com a variante *bă* [bə], *e fa* [fa], com a variante *fă* [fə] (ver GLR, 1966, I: 427; Iordan & Robu, 1978: 533-534; Dimitriu, 1999: 812-813, 820; GLR, 2008, I: 667-669):

(5) [Entre amigos] auzi *băi*? Da VOTcă ai? (ROVA, 136)
[‘Escuta, PV? Mas vodka tens?’]

(6) [Mãe para a sua filha] *fă* spune drept/ că io nu știu ce s-a-ntâmplat? (TDM, 16)
[‘PV, diz a verdade, pois não sei eu que aconteceu?’]

Por ser duvidosa ou insuficientemente demonstrada a sua origem nominal, as PV *aieu*³ e *che*⁴ do galego ficarão fora da discussão.

Em todas as três línguas da România Lateral, as PV de origem nominal são específicas do registo coloquial, precisamente da linguagem popular e familiar, donde penetraram também na linguagem dos jovens, que viola normalmente a norma prescritiva (da língua padrão), integrando elementos próprios dos registos considerados “baixos”.

3 Sobre a origem de *aieu*, verbal (< verbo *oír*) ou nominal (< fr. *aïeul* ‘avô’, ‘antepassado’), ver Sánchez Rei (2016: 114).

4 A origem da PV *che*, presente não somente no galego, mas também no catalão (no valenciano), no mirandês e, na América Latina, no espanhol rioplatense e no português do Rio Grande do Sul, é bem controversa. Em resumo, as propostas etimológicas são as seguintes: a) *che* provém em todas estas línguas da interjeição *ce* do espanhol antigo e clássico (Rosenblat, 1962 e 1972); b) *che* tem origem araucana, língua em que esta palavra significa ‘gente, pessoa’ (Lenz, 1935: 260; Tiscornia, 1983: 126); c) *che* provém do guaraní, tendo origem (pro)nominal (Bertolotti, 2010) e d) *che* no galego procede do nome *Xosé* (Sánchez Rei, 2016: 110).

Gal. *ho* (*hom*) e *né* e rom. *fa* (*fă*) são usadas por falantes de ambos os sexos, enquanto pg. *pá* e rom. *băi* (*bă*) caracterizam a linguagem dos homens⁵.

Convém acrescentar que ambas as PV do romeno conotam a pertença do locutor a uma camada sociocultural baixa (GLR, 2008, II: 746, 894). Todavia, elas podem ser ouvidas, em situações informais, também na linguagem de pessoas educadas, quando se quer assinalar uma relação de grande confiança para com o alocutário e, implicitamente, uma recusa de qualquer nota de formalismo. Hoje em dia regista-se a penetração da PV *băi* (*bă*) –devido à tendência atual excessiva de extensão do estilo familiar em domínios e situações reservadas normalmente para os registos formais (GLR, 2008, II: 886)– mesmo na linguagem do mass-mídia. Por exemplo, em debates televisivos:

(7) A : Măi ! Eu spun o chestie foarte serioasă! Dă bine, mă! Dă... refacerea imaginii... Indiferent c-ai fost securist, activist de partid, c-ai făcut la Moscova... pro american: “noi suntem pro americani!” Vezi-ți, domle, de bătătura ta, *băi!* [...]

B: Stați, *bă!*... (TV, 2003; apud GLR, 2008, II: 894)

[‘A: PV! Eu digo uma coisa muito séria! De bem, PV! Sobre a maneira de recompôr a imagem... Indiferentemente se tenhas sido da Securidade, activista do Partido [Comunista], se tenhas feito em Moscovo... ou pro americano: “nós somos pro americanos!” Cuida, homem, do teu pátio, PV! // B: Esperem, PV!’]

4. Origem e atestação

AS PV de origem nominal procedem, nas três línguas em foco, de substantivos genéricos do vocabulário fundamental, que denominam a espécie humana, o género e a geração.

No galego, *ho* (*hom*) tem a sua origem no hiperónimo masculino *home* (< lat. *homine*-) ‘ser humano’, ‘homem’, mas também ‘pessoa adulta do sexo masculino’, ‘varão’, ‘marido’. *Home* (enquanto substantivo ou PV secundária) e *ho* (*hom*) podem ocorrer no mesmo enunciado. Por exemplo:

(8) El o caso é que, chegaron; dispois, aló empezaron a, as mullères – “teis que facer un vèrso do apeadèro” –, os hòmes...

–¿*Home* eu que vou facer *hò*, que vou facer? Teño o espírito tan baixo pra facer un, un conto resumen deso, ¿como vou facer eu eso? (NF, 90)

5 Por exemplo, em CPF, em 17 das 21 entrevistas em que se documenta a PV *pá*, os utentes são pessoas do sexo masculino. Em ROVA, *băi* (*bă*) é usada em 18 dos 23 casos por locutores do sexo masculino. Nos restantes cinco casos, esta PV surge quatro vezes na fala da mesma mulher e uma vez num discurso relatado (num diálogo entre mulheres do mundo rural).

Na variante *hom*, que parece representar uma fase intermédia no processo da gramaticalização (*home* > *hom* > *ho*), esta PV está documentada no galego na segunda metade do século XIX, sendo mencionada por Saco Arce na sua *Gramática* (1868: 215): “De *ai* se forma la interjección compuesta *ai hom* (*ai home*), que se usa en tono irónico para manifestar extrañeza de alguna cosa” (apud Sánchez Rei, 2016: 112). O uso de *hom* deve ter sido frequente no galego do seu tempo, para chamar a atenção deste autor, e a sua emergência na língua falada anterior à sua registação na mencionada gramática.

A PV *né* provém do substantivo feminino *nena* (do masc. *nenó*) ‘criança ou jovem do sexo feminino’, ‘menina’, ‘garota’, ‘mulher nova e solteira’, ‘filha’. A sua documentação é escassa. Em CORGA, *né* ocorre numa novela de 1980, *Morrer en Vilaquinte*, de Helena Villar Janeiro (1940) e Xesús Rábade Paredes (1949), num diálogo entre um moço e uma moça:

(9) Traballador, apañadiño e bon, o mozo víaa namais a certas horas, mentres ela, coa ferrada á cabeza, facía as rituais e fermosas viaxadas da casa cara á fonte e da fonte cara á casa.

Cada palabra de amor, cada namorisqueo, tinxíase e limpábase naquela carroula de gotiñas frescas, aquela pura coroa, que daquela – como a moza – era de castidade.

–Oíche, *ne*...

–Que, *ho*...

–¿E a ti gustaríache casar en Vilaquinte? (CORGA)

Já que neste fragmento *né* funciona enquanto correlativo de *ho*, é de supor que as duas PV nasceram mais ou menos na mesma época.

No português, a PV *pá* resultou –segundo vários autores (entre os quais Gärtner, 1998: 237, e Carvalho, 2013: 53) e dicionários (por exemplo DLP e DOPP)– pela redução do substantivo *rapaz* (< adj. lat. *rapace-* ‘que rouba, que rapina’, ‘ávido’, ‘voraz’) ‘menino adolescente’, ‘moço’, ‘jovem’, ‘pajem’ (na Idade Média). Não se indica em nenhum dos trabalhos mencionados a sua primeira datação ou a época do seu nascimento. Nos textos literários de Portugal do *Corpus de Referência do Português Contemporâneo* (CRPC), em que *pá* se documenta 157 vezes, a sua mais antiga ocorrência é de 1930, no conto *A Ronda da Noite de Bourbon* de Bourbon de Menezes (1890-1950). Esta PV deve ter surgido, portanto, no português o mais tardar em finais do século XIX ou princípios do século XX. O facto de, no conto de Menezes, aparecer num diálogo entre coveiros poderia ser um indício de que esta PV nasceu na linguagem das pessoas pertencentes à câmada social baixa:

(10) Os garrotos, êsses, sem uma lágrima, observavam a lufa-lufa dos coveiros. E Sarzedas ouviu um dêles exclamar: Eh, *pá*! Aquele atira casa torrão! (CRPC, exemplo 155)

No que diz respeito às PV do romeno, é geralmente aceite que *fa* (*fă*) tem origem num substantivo feminino, mas as explicações etimológicas divergem: *fa* provém a) de *fată* (< lat. *feta-*) ‘menina’, ‘rapariga’, ‘filha’, ‘mulher jovem ainda não casada’, ‘virgem’, ‘criada’; a variante *fă* nasceu sob a influência da PV *măi* (*mă*) de uso generalizado e de alta frequência inelutavelmente em textos dos séculos passados (REW, 3273, SDLR, EWRS, 588, DEX; Dimitriu, 1999: 814; DLR 2010); b) de *fată* ou de *femeie* (< lat. *familia-* ‘família’) ‘pessoa adulta do sexo feminino’, ‘mulher casada’, ‘esposa’, ou dos dois substantivos (RDW, II); c) de lat. *foemina* (Iordan, BF, VII, 254; apud DER), e d) do rom. antigo *fie* (< lat. *filia-*) ‘filha’, dialetal *fii* (rom. mod. *fiică*), que antigamente, em combinação com um possessivo, também podia ter a forma *fa*: *fa-sa* ‘a sua filha’ (DER). A primeira etimologia é aceite pela maioria dos linguistas. Porque a origem desta PV se tornou opaca, ela acompanha às vezes o substantivo (vocativo) *fată* do qual nasceu ou um diminutivo (*fetiță*, voc. *fetițo*) derivado deste substantivo:

- (11) [Jovem para uma rapariga]
 –*Fă* fetițo cu flori multe,
 Zi-i mă-tii să te mărite! (RCLP, 320)
 [‘PV menininha com muitas flores, / Diz à tua mãe que te case!’]

Fa (*fă*) documenta-se a partir do século XIX em vários textos. RDW, II indica o ano 1847 como data da sua primeira atestação. No século XIX, encontramos testemunhos tanto em antologias da literatura popular, como aquela publicada em 1866 por Vasile Alecsandri (1821-1890), que já a partir de 1842 colecionou textos do povo, como na obra de vários escritores, provenientes das todas as regiões da Roménia. Cito um exemplo da literatura popular e um exemplo da novela *Pădureanca* (*A Rapariga das Montanhas*), de 1884, do escritor Ioan Slavici (1848-1925):

- (12) [Homem jovem para a mulher amada]
 Ori tu mi-ai făcut ceva
 Sultănico *fa*! (PPR, 344)
 [‘Deve ser que me encantaste / Sultânica PV!’]

- (13) [Diálogo entre dois jovens camponeses]:
 Simina se dete un pas înapoi, când îl văzu apropiindu-se cu pas șovăitor de
 dânsa, și parcă-i era rușine de a fi venit:
 –Haid’, *fă*! îi zise el apucând-o cu brațul (SMN, 447)
 [‘Simina deu um passo atrás quando o viu aproximando-se com passos
 inseguros, e sentia vergonha por ter vindo: –Anda, PV! diz-lhe ele, agarrando-a
 com o braço.’]

Sobretudo a atestação desta PV em textos populares recolhidos na primeira metade do século XIX aponta para o seu nascimento na linguagem do povo o mais tardar nos princípios desse mesmo século.

Quanto a rom. *băi* (*bă*), esta PV não é registada na maioria dos dicionários e das gramáticas do romeno, apesar de ter uma frequência alta na linguagem popular e familiar. Nos poucos dicionários em que aparece mencionada (por exemplo, em DLR), não se precisa a sua origem, mas somente se aponta para a PV *măi* (*mă*). Na minha opinião, *băi* (*bă*) resultou, por apócope, do substantivo *băiat*, cujo senso originário parece ter sido ‘carregador’, depois ‘criado de servir’, ‘servidor’, ‘menino’, ‘garoto’, ‘rapaz’, ‘jovem’, e que tem origem obscura: quer latina (do part. do verbo *băia* ‘nutrir’, ‘aleitar o bebé’ < lat. *baiulare* ‘trazer’; ou de lat. *baiulator* ‘carregador’, deriv. de lat. *baiulare*, que se tornou **balliator*; ou de lat. **ba(i)liatus*, cfr. calabr. *vajazzu* ‘criado’, ‘servidor’, ‘camponês’, lat. med. *bailetus* ‘servidor’ e *baietus* ‘pajem’; ver DER), quer traco-dácica (Russu, 1970: 42, 101, 112; Brâncuș, 1983: 132-133). Esta PV deve ter igualmente nascido por analogia com a PV *măi* (*mă*). A favor da sua origem nominal podem ser invocados vários argumentos: (i) *băi* (*bă*) é uma PV própria da linguagem dos homens (ver acima, 3); (ii) é usada geralmente para destinatários do sexo masculino e (iii) apresenta várias semelhanças pragmáticas e sintáticas com *falfă* (ver abaixo, 5). Por sua vez, pode acompanhar o vocativo do qual nasceu:

- (14) [Homem mais velho para um jovem da mesma aldeia]
 “*bă* băiete”/ziče “dacî vreî s[ă] te muz la mine”/îce “ieu îz mai dau pã fiică-mea” (TDM, 325)
 [‘PV rapaz, diz ele, se quiseres mudar para a minha casa, diz, eu dou-te a minha filha.’]

Para *băi* (*bă*) não encontrei testemunhos nem nas obras literárias do século XIX consultadas, nem nas antologias populares. Isso deve explicar-se pelo facto de, entre as PV do romeno, *băi* (*bă*), que é sem dúvida –como *fa* (*fă*)– uma criação da linguagem popular, marcar o grau mais alto de familiaridade e, implicitamente, o grau mínimo de respeito (Rusu, 1959: 56), e de ser considerada “rude” e “incompatível” com o estilo literário. Em corpus de entrevistas realizadas, durante inqueritos dialetais, no meio rural, como aquelas publicadas em TDM (1973), *băi* (*bă*) tem, no entanto, uma alta frequência, que aponta pela presença desta PV já há muito tempo na fala popular. Muitas vezes é usada em alternância com a PV *măi* (*mă*), que é considerada mais respeitosa (sem exprimir, todavia, respeito):

- (15) [Diálogo entre amigos]
 “*măi* nicule! *băi* dodoană! *bă* iuane! *băi* stane!” // “ce *băi* vere?” // “*mă!* hai *bă* sã togmim noi lăutari *mă!*” (TDM, 436)
 [‘PV Nicu! PV Dodoană! PV Ion! PV Stan! // “Que queres, PV homem?” // PV! Vamos, PV, regatear nós alguns músicos populares, PV!’]

O que favoreceu o processo de gramaticalização, nas três línguas da România Lateral, dos substantivos acima mencionados foi, sem dúvida –como já foi sublinhado em vários estudos– a sua utilização frequente, na língua oral, em função vocativa.

5. O uso das PV de origem nominal

5.1 Aspetos semânticos e pragmáticos

As PV com origem em substantivos masculinos podem ser dirigidas tanto a uma ou mais pessoas do sexo masculino, como a uma ou mais pessoas do sexo feminino. A neutralização dos semas [+masculino], [+singular] nota-se sobretudo no caso do gal. *ho* (*hom*) e explica-se provavelmente pela sua procedência de um hiperónimo. Esta sua origem justifica também o facto de *ho* (*hom*) poder ser usada em qualquer tipo de relação: do “superior” para o “inferior” (do mais velho para o mais jovem, de uma pessoa com posição mais alta na hierarquia social ou institucional para uma pessoa com uma posição mais baixa) –o que se nota às vezes (como no exemplo 16) no uso dos pronomes *vostede* vs. *tu*–, bem como entre pessoas da mesma geração (exemplo 17) ou com a mesma posição social, e mesmo do “inferior” para o “superior” (por exemplo, do mais jovem para o mais velho, como em 18):

(16) -Ten , ten. Mais do que vostede pensa.
 –¿Quén cho dixo, *hom*? (Xose Fernández Ferreiro, *A morte de Frank González*, 1975; in CORGA)

(17) [Uma mulher jovem para outra mulher, desconhecida, mais ou menos da mesma geração]
 Non creo, *hò*, eu aquí non me quedo (NF, 131-132)

(18) [Homem mais jovem para uma vizinha de 85 anos]
 ¿Pèro anda no aire pola tèrra ou polo cèu, *hò*? (NF, 31)

A extensão do uso acima assinalada verifica-se menos no caso de *pá* do português e *băi* (*bă*) do romeno, que são dirigidas normalmente para (um ou mais) destinatários do sexo masculino. Estas PV caracterizam-se, portanto, pela neutralização do sema [+singular], mas pela conservação do sema [+masculino]. O facto de ser usadas às vezes para destinatários do sexo feminino tem a ver com a tendência geral de prevalência do masculino face ao feminino nestas (como na maioria das) línguas. *Pá* marca frequentemente uma relação de “solidariedade” entre amigos, companheiros, familiares, colegas, vizinhos, etc.:

(19) [Oficiais jovens numa tasca na cidade açoriana Horta, durante uma patuscada da noite]
 –Ó *pá*! Que é isso?...
 Mas, indiferente, fazendo milagres de equilíbrio com a travessa ao alto, João Garcia cantava: [...] (NMT, 178-179)

A mesma PV também pode marcar uma relação de “poder” (do “superior” para o “inferior”). Se dirigida fora das relações de confiança, por exemplo por uma pessoa desconhecida, o tratamento por *pá* equivale àquele por *tu* e pode assinalar desconsideração ou ser vista como expressão verbal de uma tal atitude:

(20) Depois vem um senhor: «Ó graxa, ó engraxador». Eu às vezes chateio-me, não é, «Ó engraxador, não, sou limpador de calçado.» [...] Depois é por tu: «Ó, ó *pá*, anda cá, limpa-me aqui o, os sapatos.» Às vezes fico chateado (CPF, entrevista 0328)

O uso de *pá* no sentido contrário, do “inferior” para o “superior”, representa uma violação das normas de tratamento, sendo igualmente associada pelo destinatário com falta de respeito por parte do locutor. No seguinte diálogo, a mãe, a quem a filha se dirige por *pá*, reage ofendida e interdiz-lhe um tal tratamento:

(21) De viés, Cremilde olhava-lhe os braços, procurava sinais de picadas, de agulhas, mas não havia perfurações na pele lisa e saudável.
«Ó mãe, francamente, deixe-se disso, *pá*...»
«Não te atrevas a chamar “*pá*” à tua mãe...» (CRPC, exemplo 79)

O uso de *pá* para uma ou mais pessoas do sexo feminino é bastante raro – segundo se pode constatar em CPF. Na seguinte entrevista, o informante (X) de 42 anos dirige-se com *pá* à inquiridora (A) provavelmente por ser esta uma pessoa conhecida mais jovem (faixa etária 20):

(22) X: Isso agora arrasta toda uma série de problemas.
A: Claro. [...]
X: De modo que já se vê, *pá* (CPF, entrevista 0187)

Semelhante a *pá* do português, a PV *băi* (*bă*) é dirigida normalmente a uma ou mais pessoas de confiança do sexo masculino, e marca uma relação de “poder” (exemplos 23 e 24) e, com maior frequência, uma relação de “solidariedade” (exemplo 25). O uso de *băi* (*bă*) do “inferior” para o “superior” (do mais jovem para o mais velho) entre pessoas de confiança –que se documenta na linguagem popular– implica a utilização obrigatória de um vocativo que exprima tratamento respeitoso (como *nene/nea* ‘senhor’, ‘tio’) ou que indique (como *tată* ‘pai’, *unchiule* ‘tio’) a posição superior do alocutário face ao locutor (exemplo 26). Neste caso, *băi* (*bă*), além de assinalar a relação de confiança, apoia a função de chamamento do respetivo vocativo. Exemplos:

(23) [Comandante para um soldado]
“*băi*” ce/ “te-an da[t] dispărut pă tine de-asařă” (TDM, 13)
[‘PV, diz, pensei ontem que tivesses desaparecido’]

(24) [Homem velho para alguns jovens]
 “*bă băiez mă*”/ice/ “*mă băieț*”, ce “*ia sculață-vă tată*” (TDM, 31)
 [“PV rapazes PV”, diz, “PV rapazes”, diz, “acordem [+ *pai* – *address inversion*]”].

(25) [Amigo com estudos médios para amigo com estudos superiores]
bă↓ *stăpânu casei* (ROVA, 135)
 [‘PV, dono da casa!’]

(26) [Meninos para um homem adulto]
 “*băi* nea ivane! uite... george să-neacă” // (TDM, 404)
 [‘PV senhor/tio Ivan, olhe, George afoga-se!’]

Dirigida a uma pessoa desconhecida, mesmo se mais jovem, a PV *băi* (*bă*) exprime desconsideração (exemplo 27) –exceto na linguagem popular, quando se estima que o alocutário pertence à mesma câmada social (exemplo 28):

(27) [Cliente mais de idade para um taximetrista jovem]
băi! tu ai: atestat? (ROVA, 55)
 [‘PV, tu tens atestado?’]

(28) *bă* negustorule! ia oprește // (TDM, 215)
 [‘PV comerciante! Para aí!’]

O tratamento de uma pessoa do sexo feminino por *băi* (*bă*) é muito raro e pode ser sentido como impolido ou agressivo. Em ROVA, das 23 ocorrências esta PV é só quatro vezes dirigida a mulheres, e em TDM, que contém inúmeras ocorrências de *băi* (*bă*), o destinatário é só em cinco casos uma pessoa do sexo feminino. Cada vez, esta PV assinala uma relação de “solidariedade” –como no seguinte exemplo, em que o locutor, um jovem camponês, e a rapariga a quem se dirige são velhos amigos:

(29) *bă* măriio”/zâc “*ia ascultă bă*” (TDM, 325)
 [‘PV Maria, digo, escuta PV!’]

As PV provenientes de substantivos femininos –gal. *né* e rom. *fa* (*fă*)– neutralizaram o sema [+plural], mas mantiveram o sema indicador do género, podendo ser dirigidas exclusivamente a mulheres e meninas. Em galego, *né*, segundo Sánchez Rei (2016: 112), “só se utiliza com mulheres normalmente de poucos anos, nunca com pessoas idosas” e indica, portanto, frequentemente uma relação de “poder”, sendo o seu uso do “inferior” para o “superior” exclusivo. Exemplos como (9), em que *né* aparece como correlativo de *ho*, mostram que a mesma PV pode assinalar também uma relação de “solidariedade”.

Um uso semelhante observa-se no caso de *fa* (*fã*) do romeno, que é possível tanto entre pessoas da mesma geração e condição social (exemplo 30), bem como do “superior” para o “inferior” (exemplo 31). No entanto, esta PV é dirigida às vezes também do “inferior” para o “superior” (por exemplo, como em 32, na linguagem popular, de filho ou de filha para a mãe). Exemplos:

(30) [Dialogo entre duas criadas]

–Ai, ce zici tu, Stanco? Mie mi se pare că coconița are zmeu [...]

–Ce spui tu, *fã* nebuno! (FC, 138)

[‘–Ai, tu que achas, Stanca ? Eu tenho a impressão que a nossa senhorinha está apaixonada.

–Que estás aí a dizer, PV louca!’]

(31) [Senhora da pequena nobreza rural para a sua criada cigana]

Fa, fa Ioană, du-te de zi cuconașului să tacă [...] (AT, 40)

[‘PV, PV Ioana, vai e diz ao menino que se cale’]

(32) [Filho para a mãe; substituição ulterior de *fã* por *măi*]

da ieu ‘*fã!* măi mamă! hai în pețad la asta!’ (TDM, 376)

[‘Mas eu “PV! PV mãe! vamos a esta [rapariga] pedir-lhe que case comigo”’]

Na interação entre mulher e marido, rom. *fa* (*fã*) funciona, na linguagem popular, como sinónimo do vocativo *femeie* ‘mulher!’, opondo-se à PV *măi* (*mã*), utilizada como substituto do vocativo *bărbate* ‘homem!, marido!’:

(33) Țiganca [...] zise bărbatului ei [...]:

–Mă, mie mi-a venit așa să te îndemn a tăia merii ăia [...]

–Bine, *fa*, răspunse fiul de boier, cum să tăiem noi a mândrețe de meri? (IB, 26-27)

[‘A cigana [...] disse para o marido dela [...]:

“–PV, eu quero que tu cortes aquelas macieiras [...]

–Mas PV, respondeu o filho do boiardo, porque cortar tal beleza de macieiras?’]

Igualmente na linguagem popular, a mesma PV pode ser dirigida também a um animal de casa do sexo feminino, para o qual o dono tem uma afeição especial:

(34) [O dono para a sua cadela]

Dolca mea, Dolcuță *fa*,

Furii laba ți-au rănit (apud RDW, II)

[‘Oh minha Dolca, Dolquinha PV, / Os ladrões feriram-te a pata’]

5.2 Aspetos sintáticos

Do ponto de vista sintático, as PV de origem nominal das três línguas em foco divergem em vários aspetos.

5.2.1. Autonomia vs. não autonomia sintática

Nenhuma PV das duas línguas ibero-românicas tem autonomia sintática, quer dizer nenhuma pode constituir um enunciado independente e funcionar como *call particle*: **¡Ho!*, **¡Né!*, **¡Pá!*. A possibilidade de pg. *pá* ocorrer em isolamento, à qual se refere Carvalho (2013: 54) que a ilustra por um exemplo construído, (*Ó*) *Pá!*, não se documenta em nenhum dos corpus analisados, nem em CPF, nem nos textos literários de CRPC, apesar de esta PV registar neles inúmeras ocorrências. Em contrapartida, no romeno é habitual a utilização das duas PV enquanto enunciados independentes. Quando a pessoa chamada está fora da vista do locutor, a PV pronuncia-se com a prolongação da vogal:

(35) “*bă!*”//
 “ce e *bă?*”// (TDM, 376-377)
 [‘-PV! / -Que foi, PV?’]

(36) *Fă!* Tu țin-ti tari pi piați, că tu ai dreptu la casă, și tu rămâi în casă
 (LRVMI, 288)
 [‘PV! Tu fica forte, pois tu tens direito à casa, e tu ficas na casa.’]

(37) *Băăăă(i)!* Săriți!
 [‘PV! Acudam!’]

5.2.2 Posição em relação ao vocativo

As PV das duas línguas ibero-românicas não podem ocupar a posição antes de um vocativo (cfr. Álvarez & Xove, 2002: 669; Carvalho, 2013: 53). Com a pósposição é compatível somente gal. *ho* (Álvarez & Xove, 2002: 669):

(38) Tiago, *ho*, sube! (apud Álvarez & Xove, 2002: 669)

No romeno, pelo contrário, ambas PV ocorrem frequentemente antes um vocativo, mas também após um vocativo, e podem mesmo circundá-lo (como outras PV do romeno, por exemplo *măi* e *bre*):

(39) Ai auzî, *băăi*, Niculee? (LRVMI, 284)
 [‘Ouviste, PV, Nicu?’]

(40) “*fã mariio!*”// ce facem [...]? (TDM, 36)
[‘PV Maria! Que fazemos’]

(41) Adriane, *bãi*, unde te duci?
[‘Adriano, PV, aonde vai?’]

(42) Vîno-ncoace, Litvo, *fa!* (RCLP, 147)
[‘Vem cá, Litva, PV!’]

(43) *bã florine bã↓* (ROVA, 169)
[‘PV Florin PV!’]

(44) [Lasã, *fã*, Voichiço *fa*, / Las’ sã vie potera; (RCLP, 231)
[‘Deixa, PV, Voichiça PV, / Deixa vir os gendarmes’]

5.2.3 Posição no enunciado

Enquanto substitutos do vocativo dentro de um enunciado, as PV *ho* (*hom*) e *né* do galego ocorrem preferentemente em posição final: quer em posição final absoluta, isto é ao fim do enunciado, que é a situação mais frequente (para *né* ver o exemplo 9), quer à fronteira entre duas orações:

(45) I2: Aínda contache esta mañá un [cuènto], de cuando taban... o que contache esta mañá de cuando taban guardando un difunto.
I1: Ai buèno, ¡si *hò!* Aquel de, buèno aquel non era do dèmo (NF, 83)

(46) ¡Çèmpe houbo algo *hò!*, çèmpe houbo algo (NF, 43)

(47) Catuxa, marchamos, *ho*, que xa e tarde (apud Álvarez & Regueira & Monteagudo, 1986: 474)

As mesmas PV devem ser compatíveis também com a posição medial, aparecendo como elementos incisos numa oração principal ou subordinada. Em NF e em CORGA não encontrei todavia testemunhos desta posição. Nenhuma das PV do galego pode ocupar, no entanto, a posição inicial absoluta num enunciado. O uso de *ho* (*hom*) e *né* à esquerda da oração é condicionado pela presença de uma outra PV (primária ou secundária) ou de uma interjeição, que ocupa a posição inicial absoluta (ver Álvarez & Xove, 2002: 669; Carvalho, 2013: 53-54; Moreira, 2017: 79-81):

(48) [...] è cando fomos comer as xudías dixéronme or da casa: “*ai hò*, cómaas ostede que esto è coma quèn mète a lèngua no lume” (NF, 141)

(49) Ya él deuse cuenta qu’era o trasno e dícelle:
–¡Oi *ho*, tíramas de cota!, que se mas tiras de plano, rómpenme (ASLA, 30)

(50) Ai, *ne*, botáme unha man aquí, que eu xa non estou afeito (apud Álvarez & Regueira & Monteagudo, 1986: 474)

A PV *pá* do português pode ocupar, ao contrário, não só a posição final e medial, mas também a posição inicial absoluta:

(51) O que é que estavas a fazer, *pá*? (CRPC, exemplo 97)

(52) Agora, *pá*, isto vai ser tudo falado (CRPC, exemplo 36)

(53) Foi assim que a garota das unhas de prata deu cabo de velho.
«*Pá*, nem me fales nisso.» (CRPC, exemplo 135)

Todavía, é muito raro o emprego de *pá* em posição medial e inicial. Quando precede a oração, vem acompanhada, na maioria dos casos –semelhante a *ho* (*hom*) e *né* do galego– por outra PV (que apoia a sua função de chamamento) ou por uma interjeição, que “abre” o enunciado:

(54) Ó *pá*, isso o dito está dito (CRPC, exemplo 3)

(55) Olha *pá*, não é assim, isto ainda vai dar muita bronca (CRPC, exemplo 40)

(56) Eh *pá*, mostra cá o risco (CRPC, exemplo 2)

A combinação das PV *ho* e *pá* com uma interjeição ou uma outra PV (enquanto *call particle*) é possível também quando as primeiras ocupam a posição final no enunciado:

(57) Aluma ben a luz da casa da Engracia , ¿eh, *ho*? (Carlos G Reigosa, *Tras da corda / A noite dos cans doentes*, 2012, in CORGA)

(58) [...] cruzar-se com camarads conhecidos nas entradas: «adeus, ó *pá*.» (CRPC, exemplo 26)

As restrições sintáticas acima mencionadas não se verificam no caso de nenhuma PV de origem nominal do romeno, que podem ocupar qualquer posição no enunciado. Nos corpus orais consultados, a mais frequente é a posição inicial absoluta. Por exemplo, esta posição documenta-se para *băi* (*bă*), em ROVA, em 16 das 23 ocorrências, e para *fa* (*fă*), em TDM, em dez das 20 ocorrências (em posição final aparece sete vezes, em posição medial duas vezes e ao redor de um vocativo uma vez). Em posição medial, estas PV funcionam como *address particles*, enquanto em posição inicial, mas também final podem funcionar, segundo o contexto, como *call particles* ou como *address particles*. Exemplos:

(59) *Băăi* ieu șî la prietinu meu i-an spus [...] (LRVMI, 280)
[‘PV, eu também ao meu amigo lhe disse [isso]’]

(60) du-te ↓ *bă* ↓ de-aici (ROVA, 162)
[‘Vai, PV, daqui !’]

(61) ce face văru gabi *bă*:: (ROVA, 93)
[‘Como está o primo Gabi, PV ?’]

(62) „*fă* niculino *fă*“ zâc „pune *fă* pă vasălică *fă*/ să-ț pui-o sârmă lungă“ (TDM, 95)
[‘“PV Niculina PV”, digo, “diz PV a Vasilică PV, que te estenda um arame comprido.”’]

(63) “lasă-l *fă*”/zâc (TDM, 249)
[‘“Deixa-o PV”, digo’]

Ao contrário das PV das duas línguas ibero-românicas, *băi* (*bă*) e *fa* (*fă*) não podem ser precedidas por uma outra PV que apoie a sua função de chamamento e com a qual formem uma unidade prosódica (**Bre băi!*, **Bre fă!*, **Măi băi!*, **Măi fă!*). É possível, no entanto, a combinação com uma PV de chamamento de origem onomatopaica, anteposta, da qual é isolada por pausa, de maneira que cada partícula leva o acento, bem como com uma interjeição:

(64) (H)ei, *băi/fă*, unde ești?
[‘Ei, PV, onde estás!’]

(65) Of, *fă*, ce viață grea ai mai avut!
[‘Oh, PV, que vida dura é que tu tiveste!’]

Em falas da Moldávia documenta-se também a combinação da PV *fa* (*fă*) com a PV de origem onomatopaica *hăi*, que é pósposta e que leva acento:

(66) Mult îmi mai ești drăguță, *fa hăi!* (apud RDW, II)
[‘Es-me muito querida, PV PV!’]

6. Conclusões

A análise acima conduz às seguintes conclusões:

- a) todas as três línguas românicas possuem PV provenientes de substantivos pertencentes ao vocabulários fundamental e, portanto de alta frequência, o que favoreceu o processo de gramaticalização (substantivo > partícula);

- b) estas PV são específicas, tanto no galego e no português, como no romeno, da linguagem popular e familiar e são usadas em relações de confiança;
- c) o galego e o romeno possuem duas PV de origem nominal, uma proveniente de um substantivo masculino com o sentido ‘homem’, respetivamente ‘rapaz’, e a outra procedente de um substantivo feminino com o sentido ‘moça’, enquanto o português tem só uma PV procedente de um substantivo masculino com o sentido ‘rapaz’;
- d) apesar de o galego e o português terem sido na Idade Média uma única língua e apesar de formarem um continuum linguístico, não têm PV de origem nominal comuns ou com um sentido semelhante;
- e) a origem destas PV condiciona o seu comportamento semântico e pragmático:
- as PV procedentes de substantivos femininos podem ser dirigidas só a mulheres, enquanto as com origem em substantivos masculinos podem ser dirigidas a pessoas de ambos sexos;
 - o uso da PV *ho* não é condicionado pelo tipo da relação, simétrica ou assimétrica, entre os interlocutores, podendo ser dirigida mesmo do “inferior” para o “superior”, enquanto as outras PV são utilizadas predominantemente nas relações simétricas, e, nas relações assimétricas, (quase) exclusivamente do “superior” para o “inferior”;
- f) as PV de origem nominal das duas línguas ibero-românicas –ao contrário das PV do romeno– apresentam algumas restrições sintáticas: não têm autonomia sintática, não podem preceder um vocativo e nem ocupar (com poucas exceções) a posição inicial absoluta num enunciado. Isso representa um indício de que as PV de origem nominal alcançaram degraus diferentes da gramaticalização nas línguas em foco: em romeno, a sua gramaticalização está concluída (de maneira que o seu comportamento sintático não difere do das PV de origem onomatopáica), enquanto em galego e em português elas se encontram num estado de gramaticalização avançada, mas ainda não concluída. Essa diferença leva a pensar que a emergência das PV de origem nominal no romeno é anterior àquela das PV correspondentes no galego e no português. Isso explica-se provavelmente pelo facto de o romeno ter perdurado durante muitos séculos (até ao século XV ou XVI) exclusivamente enquanto língua falada.

Referências bibliográficas

- Álvarez, Rosario, & Regueira, Xosé Luís, & Monteagudo, Henrique (1986). *Gramática Galega*. Vigo: Editorial Galaxia.
- Álvarez, Rosario, & Xove, Xosé (2002). *Gramática da Língua Galega*. Vigo: Editorial Galaxia.
- Bertolotti, Virginia (2010). “Notas sobre el *che*”, *Lexis*, 34/1, 57-93.
- Brauer, Fátima Viegas Figueiredo (1999). *Gesprochenes Portugiesisch*. Frankfurt am Main: TFM, Ferrer de Mesquita.
- Brâncuș, Grigore (1983). *Vocabularul autohton al limbii române*. București: Editura Științifică și Enciclopedică.
- Carvalho, Ana Sofia Abreu de (2013). “An overview of vocatives in European Portuguese”, *Linguística Atlântica*, 32, 50-56. Disponível em <https://journals.lib.unb.ca> (consultado em 26.04.21).
- Dimitriu, Corneliu (1999). *Tratat de gramatică a Limbii Române*. Vol. I. *Morfologia*. Iași: Institutul European.
- Freixeiro Mato, Xosé Ramón (2006) [2000]. *Gramática da Língua Galega*. Vol. 2. *Morfosintaxe*. Vigo: A Nosa Terra.
- Gärtner, Eberhard (1998). *Grammatik der portugiesischen Sprache*. Tübingen: Niemeyer.
- GLR, 1966 = Academia Republicii Socialiste România (1966). *Gramatica limbii române*. Vol. I. București: Editura Academiei Republicii Socialiste România.
- GLR, 2008 = Academia Română, Institutul de Lingvistică “Iorgu Iordan – Al. Rosetti” (2008). *Gramatica limbii române*, Coordonator: Guțu Romalo, Valeria, I-II, Tiraj nou, revizuit. București: Editura Academiei Române.
- Iordan, Iorgu, & Robu, Vladimir (1978). *Limba română contemporană*. București: Editura Didactică și Pedagogică.
- Lenz, Rodolfo (1935). *La oración y sus partes*. Madrid. Centro de Estudios Técnicos.
- Merlan, Aurelia (2021). “Particulas vocativas em línguas da România Lateral”. Em Merlan, Aurélia, & Schäfer-Prieß, Barbara (eds.), *Randromania im Fokus*. Berlin: Lang (em breve no prelo).
- Moreira, Juliana Costa (2013). *O vocativo e a Interface sintaxe-pragmática no Português Brasileiro*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG. Disponível em <https://repositorio.ufmg.br> (consultado em 29.05.21).
- Moreira, Juliana Costa (2017). “Chamamento e destinatário: o vocativo na interface sintático-pragmática”, *Letras Escreve*, 7/2, 67-89. Disponível em <https://periodicos.unifap.br/index.php/letras> (consultado em 29.05.21).
- Rona, José Pedro (1963). “Sobre algunas etimologías rioplatenses”, *Anuario de Letras*, 3, 87-106.

- Rosenblat, Ángel (1962). “Origen e historia del *che* argentino”, *Filología*, 3, *Homenaje a María Rosa Lida de Malkiel*, 327-401.
- Rosenblat, Ángel (1972). “De nuevo sobre el «che» rioplatense”. Em *Studia Hispanica in Honorem R. Lapesa*, 549-554. Madrid: Gredos.
- Rusu, Valeriu (1959). “Formule de adresare în limba română (*mă, măi*)”, *Limba Română*, 8 (1), 52-60.
- Russu, Ion I. (1970). *Elemente autohtone în limba română*. București: Editura Academiei Republicii Socialiste România.
- Sánchez Rei, Xosé Manuel (2016). “Aproximação geral aos marcadores discursivos de controlo de contato”. Em Sánchez Rei, Xosé Manuel, & Marques, Maria Aldina (org.), *As Ciências da Linguagem no Espaço Galego-Português: diversidade e convergência*, 99-128. Minho: Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho.
- Tiscornia, Abril (1983). “La lengua de ‘Martín Fierro’”, *Biblioteca de Dialectología Hispanoamericana*, 3. Buenos Aires: Instituto de Filología de la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires.

Dicionários

- DLR = Academia Română (1913). *Dicționarul limbii române*. Vol. A-B. București: Editura Academiei Române.
- DLR, 2010 = Academia Română (2010). *Dicționarul limbii române*. București: Editura Academiei Române.
- DELR = Academia Română (2012). *Dicționarul etimologic al limbii române*. Vol. I. A-B, Tiraj nou, revizuit. București: Editura Academiei Române.
- DER = DEX Online: *Dicționarul etimologic român* – DER – Webdex.ro. Disponível em https://www.webdex.ro/online/dictionarul_etimologic_român (consultado em 28.05.21).
- DEX = Academia Română (1996). *Dicționarul explicativ al limbii române*. București: Univers Enciclopedic.
- DLP = *Dicionário da Língua Portuguesa* (2008). Porto: Porto Editora.
- DOPP = *Dicionário Online Priberam do Português*. Disponível em <https://dicionario.priberam.org> (consultado em 28.05.21).
- DRAG = González González, Manuel (dir.). *Diccionario da Real Academia Galega*. A Coruña: Real Academia Galega. Disponível em <https://academia.gal/diccionario> (consultado em 06.06.21).
- EWRS = Pușcariu, Sextil (1975). *Etymologisches Wörterbuch der rumänischen Sprache: Lateinisches Element mit Berücksichtigung aller romanischen Sprachen*, Zweite, unveränderte Auflage. Heidelberg: Winter.

- REW = Meyer-Lübke, Wilhelm (1935) [1911]. *Romanisches Etymologisches Wörterbuch*. Vol. 3. vollständig neu bearbeitete Auflage. Heidelberg: Winter.
- SDLR = Scriban, August (1939). *Dicționarul limbii românești (etimologii, înțelesuri, exemple, citațiuni, arhaizme, neologizme, provincializme)*. Iași: Institutul de Arte Grafice “Presa bună”.
- RDW = Tiktin, Hariton (1986, 1988, 1989). *Rumänisch-deutsches Wörterbuch*. Vol. I-III, 2. überarbeitete und ergänzte Auflage von Paul Miron. Wiesbaden: Harrassowitz.

Fontes citadas

- ASLA = *Atlas Sonoru de la Llingua Asturiana*. Vol. VI. *Galego-asturiano*, Jesús Suárez López y Xosé Miguel Suárez Fernández (transcripciones). Gijón: Red de Museos Etnográficos de Asturias, 2015. Disponível em <https://redmeda.com/fonoteca/atlas-sonoru-de-la-llingua-asturiana> (consultado em 04.06.21).
- AT = Alecsandri, Vasile (2006): *Teatru*, Ediție critică, Antologie, itinerar biografic, note și selecția textelor critice Daniel Corbu, Prefață de Acad. Constantin Ciopraga. Iași: Princeps Edit.
- CORGA = *Corpus de Referencia do Galego Actual*. Disponível em <http://corpus.cirp.es/corga> (consultado em 05.06.21).
- CPF = *Corpus Português Fundamental*, CRPC sub-corpus oral espontâneo. Disponível em clul.ulisboa.pt/recurso/corpus-portugues-fundamental (consultado em 19.05.21).
- CRPC = *Corpus de Referência do Português Contemporâneo*, CRPC: Portugal only. Disponível em www.clul.ulisboa.pt/recurso/corpus-de-referencia-do-portugues-contemporaneo (consultado em 01.06.21).
- FC = Filimon, Nicolae (2009). *Ciocoii vechi și noi*. București: Litera.
- IB = Ispirescu, Petre (s.a.). *Cele mai frumoase basme*. București: Orizonturi, Lider.
- LRVMI = Bochmann, Klaus, & Dumbravă, Vasile (ed.) (2000). *Limba Română vorbită în Moldova istorică*. Vol. 2. *Texte*. Leipzig: Leipziger Universitätsverlag.
- LXX = Mato Fondo, Miguel, & Pallarés, Pilar, & Salinas Portugal, Francisco (1988). *Literatura do Século XX*. A Coruña: Vía Láctea.
- NF = Fernández Rei, Francisco, & Hermida Gulías, Carme (eds.) (2003) [1996]. *A Nosa Fala: bloques e área lingüísticas do galego* (2003). Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega.
- NMT = Vitorino Nemésio (s.a.) [1944]. *Mau Tempo no Canal*. Lisboa: Editores Associados.
- PPR = Alecsandri, Vasile (1866). *Poesii populare ale Românilor*. București: Tipografia lucrătorilor asociați.

RCLP = Rădulescu-Codin, Constantin (1986). *Literatură populară*. Vol. I. *Cântece și descântece ale poporului*. București: Editura Minerva.

ROVA = Dascălu Jinga, Laurenția (coord.) (2011). *Româna vorbită actuală (ROVA). Corpus și studii*. București: Editura Academiei Române.

SMN = Ioan Slavici (2009). *Mara. Nuvele*. București: Litera.

TDM = Cazacu, Boris (coord.) (1973). *Texte dialectale Muntenia*. Vol. I. București: Editura Academiei Republicii Socialiste România.